

Os cegos de espírito

Hoje em dia, quando entramos na maior parte das livrarias encontramos uma panóplia de títulos disponíveis relativos a auto-ajuda, desenvolvimento pessoal, bem-estar e espiritualidade, quase todos focados na pessoa e no seu “ego”, e provavelmente muito poucos, ou nenhuns, põem a tónica no verdadeiro progresso espiritual virado para o “outro”, enquanto experiência de desenvolvimento. Lê-se um livro, melhora-se um pouco com a utilização de algumas técnicas, mas pouco tempo depois surge de novo o vazio, a insatisfação e nova procura de receitas rápidas para ultrapassar o problema.

Apesar disso, poderemos considerar que estas pessoas estarão um pequeno degrau acima dos que procuram apenas a satisfação nos prazeres materiais, mas dificilmente passarão daí enquanto não se olharem e se assumirem como um ser espiritual, fazendo parte de um todo universal, em que cada um é apenas uma pequena partícula.

É evidente que é importante que a pessoa saiba estar bem consigo própria, pois quando tal não acontece dificilmente se consegue pensar nos outros enquanto assoberbados de “questões pessoais”, mas não se pode ficar por aí. O progresso espiritual não pode ser um objectivo em si mesmo, mas apenas um meio de conseguir trabalhar para o bem comum. Chegar a este estágio de desenvolvimento requer um caminho duro e difícil.

O grande erro da nossa época intelectual é crerem que os homens podem chegar ao conhecimento da verdade por meras especulações intelectuais, científicas, filosóficas ou teológicas, isto é, tão só pelo raciocínio.

Um cego não pode opinar sobre a existência ou não da luz mas, não obstante, ela existe. Podemos dar aos cegos alguma ideia sobre a luz, mas não conseguiremos provar-lha cientificamente. Para ver necessitamos de olhos, e para ouvir de ouvidos. Similarmente, para atingir as coisas do espírito precisamos de percepção espiritual. O que ajuíza a partir dos sentidos externos não pode compreender as verdades espirituais.

A finalidade principal da existência do homem na terra é a purificação da vontade, cultivando-a para que se converta numa potência espiritual. O único meio para purificar a vontade é a acção. Para consegui-lo as acções têm que ser boas até que o agir bem seja mera questão de hábito. E o hábito estabelece-se quando na vontade não haja mais desejo de agir mal. Ninguém consegue ser um bom músico, soldado ou estadista só pela leitura de livros. O poder não se obtém por simples especulação, mas pela prática.

Olhemos pois à nossa volta e poderemos começar esta grande jornada pelos que nos estão mais próximos. Assim consigam perceber todos aqueles que por vazio ou desconforto, procuram algo mais do que a mera existência do dia-a-dia.

António Neves

2020-01-19